

**Leticia Cantarela
Matheus**

Leticia Cantarela
Matheus é mestre e
doutoranda em Comu-
nicação pela Universi-
dade Federal Fluminen-
se. Bolsista nota 10 da
FAPERJ.

**Retrospectiva e comemoração:
reflexões sobre usos
jornalísticos do passado**

**Retrospective and celebration:
considerations about
journalistic uses of the past**

**Retrospectiva y conmemo-
ración: reflexiones sobre usos
periodísticos del pasado**

RESUMO

Este artigo apresenta questões e reflexões parciais de uma pesquisa em andamento sobre a relação entre tempo e comunicação, tendo como objeto as práticas jornalísticas desenvolvidas por três periódicos fluminenses com mais de cem anos: *Jornal do Brasil*, *O Fluminense* e *Jornal do Commercio*. Analisa-se principalmente um uso particular do passado, tratado na forma de história, articulado pelo jornalismo. Essas versões do passado são tratadas por meio de duas estratégias narrativas: as retrospectivas e as comemorações. O objetivo é mostrar que diferentes usos do passado promovem parte da legitimidade do jornalismo no presente.

Palavras-chave: jornalismo; tempo; história.

ABSTRACT

This article brings out questions and ideas from an ongoing research on the relations between time and communication. The object of this study is the journalistic practices developed by three centenary newspapers from Rio de Janeiro State: *Jornal do Brasil*, *O Fluminense* and *Jornal do Commercio*. It analyzes how journalism makes a specific use of the past treated as "History". These versions of the past are portrayed through two narrative strategies: retrospectives and celebrations. The objective is to demonstrate that different uses of the past promote part of journalism's legitimacy in the present.

Keywords: journalism; time; history.

RESUMEN

Este artículo presenta cuestiones e ideas desde una investigación en desarrollo de las relaciones entre el tiempo y la comunicación, teniendo como objeto las prácticas periodísticas de tres diarios con más que cien años: *Jornal do Brasil*, *O Fluminense* y *Jornal do Commercio*. Se analiza sobretudo un uso propio del pasado, tratado en la forma de historia, y articulado por el periodismo. Estas versiones del pasado son presentadas por medio de dos estrategias narrativas: las retrospectivas y las celebraciones. Se intenta apuntar que diferentes usos del pasado promoven legitimidad para el periodismo en el presente.

Palabras clave: periodismo; tiempo; historia.

O interesse central deste artigo parte do que parece ser um hábito crescente em se decretar que tudo é “histórico” nos jornais. Até o jantar de posse do presidente americano Barack Obama foi tratado como “cardápio histórico”. Chama a atenção não somente a adjetivação dos acontecimentos como “históricos” mas sobretudo o que a chancela do que é “histórico” confere ao jornalismo. Já em 1972, Nora (1976) argumentava ser característico de nosso tempo enxertar sentido histórico ao presente. Esse sentido seria percebido e experimentado sobretudo por meio do acontecimento. Mas, se a disciplina História há muito abandonou a noção de história constituída essencialmente como coleção de fatos, essa visão teria migrado e sobrevivido nos meios de massa, sobretudo os jornalísticos.

“Antes mesmo de ser eleito, Obama já fez história, ao ser o primeiro negro a ganhar prévias eleitorais” nos Estados Unidos; “Nunca antes na história deste país...”, como diz o presidente Lula; ou ainda “Fluminense sofre histórica goleada para o América do México” são alguns exemplos extraídos do jornal *O Globo* em 2008. Tais “históricos” elencados não soam como sinônimos de “inéditos”? Que tipo de compreensão de história está em jogo quando um diário usa o adjetivo dessa maneira?

A principal hipótese que norteia esta pesquisa é que o jornalismo vem construindo parte de sua legitimidade por algo que somente o caráter “histórico” lhe confere. É provável que suas estratégias de manutenção de poder tenham precisado ser transformadas de acordo com as transfigurações dos contextos sociopolíticos e culturais.

Se, na virada do século XIX para o XX, o homem de jornal era antes de tudo um aspirante a literato e a funcionário público, operando como o intermediário possível entre o povo e o poder (BARBOSA, 1996), de lá para cá ele foi incorporando a seu ofício outras simbolizações: mais recentemente, por exemplo, a de investigador policial (CASTILHO, 2005) ou de intérprete da Economia (LENE, 2007). Mas talvez exista outro elemento narrativo que confira ao jornalismo um conjunto de qualidades próprias: um certo uso da história.

Para este artigo, selecionaram-se três estratégias narrativas de “historicização” utilizadas pelo *Jornal do Commercio* (180 anos), pelo *O Fluminense* (130) e pelo *Jornal do Brasil* (117): as retrospectivas, as comemorações e um sentido geral de história embutido em suas narrativas.

A transformação do passado em história

Para tentar “historicizar a historicização” e verificar em que medida essa é uma operação jornalística recente, recorreu-se inicialmente ao *Jornal do Commercio* no século XIX.¹ Nele, as representações de passado e certas relações com o tempo são apresentadas

¹ Para este argumento, foram analisadas edições aleatórias do *Jornal do Commercio* de 1827 até 1940.

principalmente por meio de duas estratégias. A primeira diz respeito a um sentido geral de história conformado nas reportagens comuns, como por exemplo quando o jornal procura interpretar as possibilidades para os rumos do País a partir do nascimento do herdeiro de Pedro I ou quando, na notícia do aniversário de 20 anos de dom Pedro I, analisou o papel do imperador e de dom João na história então recente. É importante perceber que, em uma época na qual a notícia, tal como a conhecemos hoje, não era modelo narrativo para o jornalismo, essa historicização não pode ser entendida de modo destacado do que era a prática cotidiana do jornalista. Buscar uma separação entre notícia e um “contar a história” seria ver o jornalismo do século XIX com o olhar do século XX.

A segunda representação de “historicização” do passado está materializada na forma das retrospectivas. Desde o primeiro ano de existência (1827), esse jornal dedicado ao apoio ao comércio publicou balanços comerciais, resumo das variações cambiais, atividades portuárias e oscilações de preço dos principais gêneros comercializados na época, entre outras informações. Nos primeiros anos, esses balanços se limitavam às atividades do último mês. Aos poucos, o cálculo se ampliou para as médias anuais, divulgadas ou em dezembro ou em janeiro do ano seguinte. Esses dados deviam ser fundamentais para que os comerciantes locais planejassem suas atividades, ou seja, possuíam um caráter instrumental explícito. Entretanto, essas revisões econômicas viriam a ser acompanhadas de análises pretensamente historiográficas na década de 30.

Enquanto a última página é ocupada por quadros com todas as médias dos preços que vigoraram no

ano anterior, a primeira página traz uma “análise de fundo”: “Avoa fugitivo o anno de 1835”, dizia a edição de 02/01/1836. O jornal descreve a situação política nas “principais nações”, explorando sobretudo as consequências dos movimentos liberais de 1830.

Todos os anos eram apresentados como muito especiais e, em vários momentos, o diário explica como entende o seu papel diante dos acontecimentos e da história, como, por exemplo, na edição de 1º e 2 de janeiro de 1840:

ANNO DE 1839

Não passará de certo desaperebido nos annaes da humanidade o anno que ainda hontem terminou, e cujos principais acontecimentos devemos aqui esboçar. *Não he tenção nossa usurpar o buril da história*, nem, engolfando-nos em sublimes, philosophicas considerações, proclamar o já sedição apophthegma – o presente, filho do passado, está prenhe do futuro –, e dahi, erguendo temerário vôo, mostrar a filiação dos acontecimentos, e olhos fitos no que foi, vaticinar o que ha de ser; não, tão immodestas não são nossas pretenções, *contentamo-nos com a ingloria fadiga de reunir*, de modo que hum lanço d’olhos possam ser abrangidas, *as occurrencias que mais influenciarão na sorte*, quer da humanidade em geral, quer ainda na de qualquer das nações que, por mais avultarem no mundo ou por mais prezas comnosco se acharem pelos laços de reciprocicos interesses, mais merecem nossa atenção. (JC, 1º-2/01/1840; grifos nossos)

Ao enunciar seu papel, bem como o que dele se diferenciaria a História, o diário propõe que o jornalismo desempenhe uma função registradora dos

acontecimentos, estes, por sua vez, entendidos como dados que vão brotando da realidade.

Excusado nos he *reproduzir* aqui os acontecimentos a travez dos quaes foi esse acto consummado. As paginas do Jornal do Commercio ahi estão que pelo mundo, e debaixo das impressões do momento e da actualidade os narrão... (JC, 1º-2/01/1841; grifos nossos)

Nessa retrospectiva, o *Jornal do Commercio* dá a entender não somente ser capaz de dar conta da história mas também que lê-lo é suficiente para dela tomar parte. O mais interessante é que, ladeados por representações do passado recente apresentado como história, aparecem nessas passagens de ano anúncios das famosas Folhinhas Laemmert, calendário temático do ano seguinte. A presença desses elementos que evocam ideias de passado e futuro sugere que a manipulação diária de um periódico fornece mais do que informação, talvez a própria marcação cotidiana do tempo.

Os retrospectos anuais ganham destaque na década de 1840, transformando-se em suplementos de duas páginas encartados nas edições normais. Esse impulso registrador se exacerba na década de 1870, quando os suplementos passam a ser editados a cada dez dias, contendo as correspondências acumuladas. Percebe-se aí um esforço de atualização, não somente pelo fato de o jornal publicar cartas redundantes – “Tudo na mesma” (Suplemento ao n. 101, JC, 03/04/1877) – como também de o suplemento conter os “Telegramas de última hora” no pé da página 2, relatando as notícias “mais quentes” divulgadas pelos jornais europeus. Depois dos “Te-

legramas de última hora”, ainda vinha a coluna “Post escriptum”. O ultra-atual.

É interessante perceber nessas narrativas a presença de várias temporalidades do processo comunicativo. Ou seja, embora a tecnologia de emissão, a imprensa, fornecesse o condicionante de um tempo diário, as narrativas condensavam outros tempos do fazer jornalístico naquele momento, o que incluía a espera dos pacotes. Além disso, a expectativa de atualização se sobrepunha aos limites técnicos. Essas narrativas constituem sínteses do processo comunicacional, condensando, naquilo que Ricoeur (1994) chama mimese II, o mundo prefigurado das condições históricas e o mundo aberto à ação.

Os suplementos eram dedicados a informações do exterior. Às vezes o jornal elaborava um texto próprio, outras vezes dava a entender se tratar da transcrição literal das cartas dos correspondentes, incluindo local e data originais. Algumas dessas informações eram transcrições de periódicos europeus. Como cabeçalho estava a informação de como chegaram as notícias ao país: “Pelo pacote John Elder”, “Pelo pacote Habsburg”, “Pelo pacote Neva” etc.

A notícia, portanto, não dependeria somente das tecnologias de transmissão, nem somente de técnicas linguísticas, mas da relação permanente do leitor com a rotina narrativa do jornalismo e das expectativas mais gerais da sociedade em uma certa época.

Ainda que o hiato entre um acontecimento e sua configuração narrativa pela mídia fosse mais alargado do que hoje, parece fácil imaginar que o comerciante no Rio de Janeiro do século XIX não precisasse de *lead* e *sublead*, nem do boletim da Band News que anuncia que “Em 20 minutos, tudo pode mudar” para

perceber as notícias fresquinhas. Até o pesquisador, inserido no seu contexto em 2009, conforme estabelece contato periódico com os arquivos daqueles jornais, vai se tornando capaz de perceber “as novas” de há 180 anos.

Não se pretende afirmar com isso que havia uma espécie de embrião da notícia no século XIX, com estatuto e forma que adquiriria a partir da década de 1950 no Rio de Janeiro (RIBEIRO, 2000), mas que a percepção de ineditismo e do noticiário jornalístico seria um efeito narrativo, seria desenvolvida não somente a partir de uma deliberação profissional ou de atualizações tecnológicas. Ela dependeria de todo o circuito de comunicação e do contexto nos quais as pessoas que fazem que e consomem um jornal estão inseridas.

Os múltiplos sentidos da comemoração

As edições comemorativas constituem um terceiro conjunto de estratégias narrativas do qual os periódicos se utilizam para reconfigurar sua versão da história e assim fazer uso do passado. A comemoração diz respeito às necessidades do que Johnston (1991) chama *homo rhythmicus*, ao fornecer marcos que indicam a passagem do tempo. Segundo Johnston, o homem encontra variadas formas de ditar ritmos ao cotidiano em diferentes momentos históricos, seja pelos calendários religiosos, seja pelos relógios que ditam o ritmo da produção (CHESNEAUX, 1996) etc.

Johnston (1991) chama atenção para o destaque que as comemorações têm adquirido mais contemporaneamente, sobretudo as midiáticas. Muitas são produzidas especialmente para serem articuladas midiaticamente. Outras servem como pretexto para

uma cobertura jornalística ampla, por exemplo, numa espécie de pacote para a abordagem de diferentes tópicos. E há ainda as que celebram as origens da própria mídia, como de um jornal impresso. Essas são oportunidades ímpares de promover os veículos de comunicação num grande ritual que funciona como publicidade.

Comemorar constitui um gesto ligado à função temporalizante dos jornais, sobretudo devido a seu caráter periódico. Ela é também oportunidade de reformular a memória coletiva sobre algum tema – no caso, sobre as práticas jornalísticas. Segundo Bodnar (1994), além de produzir memória, a comemoração media conflitos do presente, ao fornecer argumentos autorizados pelo passado.

Não se trata apenas, como explica Bodnar (*ibidem*), de comemorar as origens, mas de formular versões válidas de passado. Nesse sentido, são patentes as tensões que historiadores e jornalistas encenam, cada qual operando dentro de seu sistema próprio de representação. Por outro lado, é importante também pensar nos usos populares passados e na contribuição do jornalismo para conformar esses usos segundo parâmetros específicos.

É um sentido particular de passado que é enaltecido na comemoração. Bodnar (*op. cit.*) analisa, por exemplo, o esforço do governo norte-americano a partir dos anos de 1910 na criação de agências nacionais responsáveis pelo gerenciamento da memória pública. O passado deveria não somente ser configurado como história mas também adquirir um caráter nacional, o que não coincidia com as apropriações populares de passado, fundadas muito mais em gestos memorialísticos privados e regionais, centrados nas figuras míticas dos heróis fundadores.

Estabelecendo uma analogia com as proposições de Bodnar (*op. cit.*), pode-se pensar nas edições comemorativas como um esforço das empresas jornalísticas em garantir posição privilegiada de gestores do tempo, o que incluiria não somente o presente mas também o passado. É como se, por meio dessas edições, os jornais reconhecessem que sua legitimidade no presente depende, entre outros fatores, da capacidade de fornecer versões autorizadas sobre o passado. Se os jornais têm condições de temporalizar a realidade sobre a qual falam, precisariam também criar marcações temporais para si próprios, ou seja, para que o público e sua comunidade profissional os situem no contexto histórico, sendo capazes de lhes atribuir valor.

Para este trabalho, foram selecionadas as edições centenárias dos jornais analisados.² Nelas é possível perceber uma noção de história não somente como coleção de fatos, que deveriam ser narrados em sua totalidade pelos periódicos, mas também a ideia de evolução, no sentido de aperfeiçoamento. Nessa grande história, o jornalismo se inseriria de certa forma.

Haveria, nas práticas jornalísticas, uma relação particular com o tempo, apoiada no ineditismo, como modo de percepção moderna? Qual o papel desempenhado pela história nessa narratividade midiática? O que os jornais produzem e vendem não seria um certo tipo de contato com o tempo?

Koselleck (2006) afirma ser característico da modernidade a referência ao tempo a partir de con-

² Edições comemorativas analisadas: *Jornal do Commercio* (01/10/1927); *Jornal do Brasil* (01/04/1991); e *O Fluminense* (08/05/1978).

ceitos de movimento, como indicadores de mudanças sociopolíticas bem como de crítica ideológica e comportamental. Modernização, progresso, desenvolvimento, crescimento, desafio, evolução, mudança, salto e transformação são termos extraídos dessas edições especiais tanto quando procuram diagnosticar o presente quanto quando contam a atuação passada dos jornais. Esses movimentos não são apenas espaciais. Para haver um salto, é preciso deslocamento no tempo. Todos esses movimentos dizem respeito a transformações na duração. Em cada jornal, as expressões surgem vinculadas a um imaginário próprio de passado, presente e futuro, de acordo com o perfil editorial.

Não só as expressões como o modo como os jornais narram a história criam um efeito de linealidade. Ou seja, a temporalidade é vetorial progressiva, enfocando sequências causais. No *Jornal do Commercio*, a origem da imprensa se confunde narrativamente com a do jornal. De modo claro, ele se considera um fator de desenvolvimento do País. Em sua edição centenária, associa, por exemplo, a evolução da medicina ao advento da imprensa no Brasil e atribui a ela a entrada do País no fluxo da história universal:

Enquanto pelo velho mundo da Eurasia fervilhavam as ondas dos povos e raças, que durante séculos ali representavam o drama da [e]volução humana, traçando as páginas históricas da Humanidade, as vastidões da America jaziam arredadas de tudo isso, no torpor da anabiose, como elemento fecundável á espera do germe fundador.

[...] Decretada a abertura dos portos, suspensa a proibição de haver fabricas e manufacturas, fundada a typographya official [...] promptamente desenvolveram-

se commercio, indústria, artes, letras e sciencias, de mais a mais se emancipando dos monopólios do reino... (JC, 1º/10/1927, p. 55)

Na mesma edição, um texto informa que “o Jornal do Commercio vem evoluindo com a própria evolução nacional” (p. 1). Lógica semelhante acompanha o dia 11/09/1908 (p. 3), que diz que “a imprensa é impecável como as grandes conquistas do espírito que avantajam a humanidade”. Ou seja, a imprensa, como tecnologia mas também como metonímia para jornalismo, é comemorada como instrumento iluminador, principalmente em um sentido positivista de progresso.

Sobre uma conferência sobre a febre amarela, o *Jornal do Commercio* publicou em 28 de junho de 1897, na primeira página, a chamada “memória” do sócio correspondente Aristides Milton, lida no Instituto Histórico e Geográfico, que insinua que a história está pronta, apenas aguardando o momento de ser noticiada:

A evolução social é uma lei hoje reconhecida e confessada por todos os espíritos cultos, assim como um facto verificado pela literatura da humanidade inteira. Se o homem – de anno em anno – realiza a expansão de sua actividade nos domínios do pensamento, os povos também – dia a dia – conquistão maior número de victorias e mais trophéos na luta da liberdade [...] *É assim com as instituições sociais também.* Procura-se, por meio dellas, o bem-estar e a glória dos povos. É certo que – desde o princípio – está delineado o caminho, que nos ha de conduzir a esse objectivo honrosissimo. Falta-nos, entretanto, acertar com ele. No regaço immenso do futuro, *dormem acontecimentos emocionantes*, que o dia de amanhã talvez traga à flor da História para sua *solemne consagração*.

Novos regimes, outros sistemas de governo poderão substituir aos actuais.

É perenne a obra santa da civilização, como são interminos os horizontes da liberdade.

Rio de Janeiro, 13 de junho de 1897 (*JC*, 28/06/1897, p. 1; grifos nossos)

Tomando o cuidado para não explicar o texto pelo contexto de maneira linear, é preciso levar em conta, porém, que o momento em que o *Jornal do Commercio* publica esse texto – e principalmente sua edição centenária (1927) – marca o auge do ancoramento de um pensamento que mesclava evolucionismo e darwinismo social no imaginário de uma elite letrada no País, como que naturalizando as diferenças sociais.

Segundo Schwarcz (1995), reinava na época um desejo de cientificidade, sobretudo entre 1870 e 1930, que invadiu as principais instituições brasileiras. Museus, institutos históricos e faculdades adaptaram essa mentalidade a sua própria produção intelectual. Ora, se os homens que escreviam em jornal nesse período eram principalmente egressos das faculdades de Direito e Medicina, como revela Barbosa (1996), não é difícil perceber a filiação desse tipo de interpretação sobre a realidade articulada pelo jornalismo, havendo uma troca mútua entre essas instituições e o senso comum, em um circuito mais amplo de comunicação.

Já no *Jornal do Brasil* uma noção de tempo como progresso sugere a associação à ideia de evolução do indivíduo e da qualidade dos homens da nação e relata década a década os acontecimentos considerados por ele relevantes. O jornal enfoca a simultaneidade

dos tempos de sua história e da história nacional, reivindicando autoridade com base em sua longevidade. Por exemplo, na sua edição centenária, o *JB* destaca que nasceu no mesmo dia que Cole Porter.

Ao tecerem a própria história, esses jornais atribuem um determinado valor à imprensa e ao jornalismo. As edições comemorativas podem ser entendidas, desse modo, como um momento em que essas empresas de comunicação projetam sua inserção no processo histórico por meio das representações que elaboram para si e para o Brasil. Assim, elas movem as fronteiras entre passado, presente e futuro, reelaborando suas significações. Segundo Ribeiro (1995), o jornalismo justifica sua relevância social pela história:

A mídia é elevada, assim, ao estatuto de porta-voz oficial dos acontecimentos e da transformação do social, o que lhe confere, enquanto registro da realidade, uma certa “aura”. O jornalismo não só retrata a realidade e as suas transformações, mas também as registra, legando às sociedades futuras um testemunho sem igual. A mídia é a *testemunha ocular da história*. (*Idem, ibidem*, p. 27)

O testemunhar da história pode ser entendido também pelo fato de as narrativas serem articuladas de tal forma que fornecem um efeito de simultaneidade entre as histórias do jornal e do Brasil. Dizer-se testemunha ocular é se colocar em uma posição mais importante do que de um narrador possível do passado e do presente. É apresentar-se como sendo capaz de experimentar a totalidade da história. E a noção que se tem da história, em uma sociedade altamente midiaticizada, é fruto de permanente disputa.

O *Jornal do Brasil* recorta sua história em quatro fases: uma “origem”, que representa os 60 anos anteriores à década de 50; “a reforma”, que significa o período de transição para um novo jornalismo e para o qual não se estipulam marcos iniciais nem finais; os anos 60/70, quando o jornal se tornaria expressão de resistência em favor da liberdade; e finalmente a década de 80, em que o *JB* se estabilizaria como promotor de justiça.

Ele destaca um papel supostamente mais ativo do periódico, sendo representante e vetor do “novo”. A cada narrativa dessa edição, pressente-se um subtexto iminente que diria: Foi o *Jornal do Brasil*, que desencadeou a modernização do jornalismo no Brasil. Em vários outros momentos, entretanto, a relevância do *JB* é ressaltada explicitamente: “...o segundo (artigo) tem como tema a reforma editorial que revolucionou o jornalismo brasileiro” (*JB*, 07/04/91, p. 1).

Dois aspectos explorados na narração da origem do jornal na edição centenária são as idades dos fundadores da empresa (Rodolfo Dantas, 37 anos, Joaquim Nabuco, 42, José Maria da Silva Paranhos, o Barão do Rio Branco, 46) e a ideia de um esforço de superação do seu tempo. Referidas a 1891, as idades significaram, para o *Jornal do Brasil* em 1991, o signo da juventude empreendedora, como se esses sujeitos representassem a antecipação do futuro, ou como diz Koselleck (2006, p. 317), “a não-contemporaneidade do contemporâneo”. Além da idade, destacou-se a energia dos jovens na empreitada da fundação do jornal diante das dificuldades políticas mas, sobretudo, técnicas.

A primeira *carta* de Nabuco não veio a tempo de sair no primeiro número, porque o vapor atrasou. O equi-

pamento moderno encomendado à prestigiosa Casa Marinoni, na Europa, também não chegara (...). Na falta de melhor equipamento, o primeiro JB foi impresso numa Alauzet-Express, plana, que entrou em operação às 11 da noite. A luz mortiça do gás acetileno iluminava a oficina, de onde começou a sair um barulho que, àquela hora morta, tomou conta da Gonçalves Dias. (JB, 07/04/91, p. 3; grifo original)

O *Jornal do Brasil* diz que viria a atuar mais ativamente na sociedade e narra como exemplo sua participação no episódio da bomba do Riocentro, colocando-se como ator decisivo no desmonte da versão do atentado subversivo. Com isso, demonstra ter ajudado a sufocar o grupo radical militar que rejeitava a abertura política. Assim, se a “História” só chegou ao Brasil nos anos de 1950 com a industrialização e a economia de mercado, como afirma o editorial, e o JB, entre 1960 e 1979, foi mais vítima da história, nos anos de 1980, ele toma sua dianteira.

Chamado de “O Velho Órgão” e fundado em Niterói (RJ), *O Fluminense* dá mostras, na página 2 de sua edição centenária, da relação com o tempo que pretendia construir e manter para si. Há duas reproduções: a da primeira página de 8 de maio de 1878 e a da também primeira página de 15 de março de 1975, quando saiu pela primeira vez em *offset*, considerada o ponto de partida para uma nova história do jornal. Entre a publicação de uma e outra “36 mil dias na História do Homem” como diz o título do editorial. Tendo *O Fluminense* dois inícios – um em 1878 e outro apenas três anos antes da edição centenária –, a “história” cabe nesse meio. Na página seguinte, o título também dá conta dessa relação temporal – “Um

jornal transpõe o século.” –, o que pode ser interpretado tanto como ele sendo atravessado pelo século quanto como se ele fizesse o século passar.

Os cem anos de um jornal – mais de 36 mil dias – são um capítulo empolgante e rico na história de um povo. A assertiva assume ainda maior significado quando este povo é o brasileiro, então *recém-emancipado* das amarras coloniais. E quando este jornal é O FLUMINENSE, nascido com um ideal de luta pelo bem, ideal que manteve e mantém até os dias que correm. (O *Fluminense*, 09/05/78, p. 2; grifo nosso)

O jornal diz ter não somente participado da construção da nação, “pouco” depois de o País deixar de ser colônia (56 anos antes), como também ter servido de nascedouro de “luminares do jornalismo, da literatura, das letras jurídicas e das artes em geral” (O *Fluminense*, 09/05/78, p. 2), citando Oliveira Viana, Irineu Marinho e Hermes Fontes. Também marca o editorial a ideia de que todas as tecnologias desfilaram pelas páginas do jornal, tanto como notícia (o fonógrafo, o cinema, o vôo pioneiro de Santos Dumont, a penicilina, a chegada à Lua) quanto como instrumento de produção: “desde a velha máquina movida a braço de escravos até as moderníssimas impressoras a vapor de fins do século, chegando afinal às rotativas e ao sofisticado processo *offset*.” (O *Fluminense*, 09/05/78, p. 2)

Na página 6, traz a reprodução de dois editoriais que marcaram sua história – o de lançamento e o das comemorações de 50 anos –, de modo a comparar o que havia mudado nesse tempo. “Dois Editoriais, Uma Conduta”, diz o título. O editorial de 1928 destacava

que “há 50 anos, Niterói possuía arraigados hábitos provincianos que não lhe permitiam a confiança plena no futuro” (*O Fluminense*, 09/05/78, p. 6) Por isso, o jornal só saía três vezes por semana, porque “não sabia que teria, na história da Imprensa do Estado do Rio de Janeiro, o papel de registrador dos acontecimentos que remodelaram a vida na cidade, hoje borburinhante e progressista.” (*O Fluminense*, 09/05/78, p. 6).

A edição de cem anos é apresentada tal como uma espécie de grande retrospectiva histórica, válida para ser consumida em qualquer época, e orientada por uma espécie de pedagogia do uso documental do jornal:

Com o suplemento especial do “Produto Fluminense”, enfeitado em 8 cadernos, e mais o tablóide em policromia com a história dos “100 Anos de O FLUMINENSE”, estamos dando hoje aos leitores uma visão do desenvolvimento do Estado do Rio e contando a nossa epopéia de 36 mil edições.

Aliás, estes 90 cadernos-extras se completam numa documentação analítica, e por vezes, crítica, de uma terra ligada a seu jornal. São reportagens, depoimentos e pesquisas para serem guardados e consultados em termos quase enciclopédicos. Um século de jornal fiel à sua missão e à própria História do Estado do Rio. (*O Fluminense*, 07/05/1978, p. 1)

Considerações finais

Para Nora (1976), tem cabido cada vez mais aos meios de massa dizer o que é ou não acontecimento histórico, apresentado com a “força de um dado” e como acontecimento midiático. Porém, se o aconteci-

mento não é um dado da realidade, mas um produto da articulação narrativa, como afirma Ricoeur (1994), então será a capacidade de verossimilhança, de dar sentido, ou seja, de produzir concordância na narrativa, que fará com que esse acontecimento seja crível. O grau de sucesso ou fracasso desse empreendimento talvez dependa da capacidade de um veículo de comunicação estabelecer pacto com seu leitor, o que poderia ser feito por um certo uso da história.

Segundo Ricoeur (*ibidem*), o acontecimento funciona como ponto de convergência em torno do qual se disputam sentidos. Ele é a peripécia de uma história, e, se o jornalismo precisa narrar a realidade, tanto mais eficiente será quanto mais basear sua narratividade em acontecimentos. Com isso, podemos relativizar a tese de que lemos jornal para nos mantermos informados, de maneira utilitária, mas para sentirmos estar participando da história.

Além do enfoque nos acontecimentos, a ideia de história com a qual esses diários trabalham se baseia naquilo que Bloch (2001) critica como o ídolo das origens, um vício historiográfico que, nesse caso, adquire uma função especial no jornalismo. É de se esperar que os homens que fizeram essas edições comemorativas representassem a história a partir de sua própria historicidade. Até aí o jornalismo se igualaria a qualquer outro produto de seu tempo. Mas é que graças a uma certa noção de história que parte da legitimidade do jornalismo é ancorada.

Ao dizer “isto é histórico”, ao produzir retrospectivas e comemorar suas versões do passado, o jornalismo explicaria a história, fornecendo racionalidade ao cotidiano e se fazendo, assim, necessário. Assim, a mídia, sobretudo a jornalística, constituiria lugar

privilegiado de construção de uma ideia de história, com ênfase no acontecimento.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Marialva C. **Imprensa, Poder e Público**: Os diários do Rio de Janeiro (1880-1920). Tese Doutorado História – UFF, 1996.

BODNAR, John. *Remaking America*. Public Memory, Commemoration, and Patriotism in the Twentieth Century. New Jersey (USA): Princeton University Press, 1994.

BLOCH, Marc. **Apologia da história**. Ou o ofício de historiador. RJ: Jorge Zahar Editor, 2001.

CASTILHO, Márcio. **Uma morte em família**. Martírio e autoridade nos 100 dias de cobertura do caso Tim Lopes em O Globo. Dissertação de mestrado em Comunicação. Niterói (RJ), IACS-UFF, 2005.

CHESNEAUX, Jean-Marie. **Habiter les temps**. Paris: Bayard Éditions, 1986.

JOHNSTON, William. M. **Celebrations**. The Cult of Anniversaries in the Europe and the United States Today. New Brunswick (USA): Transaction Pub, 1991.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. RJ: Contraponto: PUC-RJ, 2006.

LENE, Hérica. “Jornalistas-personalidades” e a construção de um lugar de referência na imprensa de economia no Brasil: **habitus** e poder simbólico. Trabalho apresentado no II Coneco, 2007. Disponível em: <http://www.pos.eco.ufrj.br/coneco/ementas.html>. Último acesso: 27/01/2009. Versão completa em CD-Rom.

NORA, Pierre. O retorno do fato. In: LE GOFF, JACQUES e NORA, PIERRE (orgs.). **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editores Ltda., 1976.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Imprensa e História no Rio de Janeiro dos Anos 50**. Tese de doutorado pela ECA/UFRJ, 2000.

____. **A história do seu tempo.** A imprensa e a produção do sentido histórico. Dissertação de mestrado. ECO/UFRJ, 1995.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa.** Campinas (SP): Papirus Editora, 1994, tomo I.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças.** Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. SP: Companhia das Letras, 1993. 1ª reimpressão, 1995.

166